

CULTURA E MINISTÉRIO HOJE: DA TEORIA À PRÁTICA

Valdinei Ferreira*

RESUMO

Nem sempre temos consciência do modo como evangelho e cultura estão relacionados. O ato de anunciar Jesus Cristo como salvador é simples. Entretanto, numa cultura há muitas ideias a respeito de Cristo e existem também muitas formas para proclamar o evangelho. Sem uma compreensão das relações entre fé e cultura estaremos condenados a repetir erros semelhantes ao do passado da história do cristianismo. Nesse artigo quero convidá-lo para: a) Entender as relações entre a fé cristã e cultura e examinar; b) modo como a visão teológica influencia o relacionamento com a cultura e, por fim, que você seja capaz de discernir os processos de mudança cultural que estão em curso na sociedade brasileira e se sinta desafiado a envolver-se cada vez mais com a proclamação do evangelho.

Palavras-chave: evangelho; cultura; ministério; fé; Cristo; igreja; missão.

45

ABSTRACT

We are not always aware of how the gospel and culture are related. The act of announcing Jesus Christ as savior is simple. However, in a culture there are many ideas about Christ and there are also many ways to proclaim the gospel. Without an understanding of the relationships between faith and culture, we will be condemned to repeat mistakes similar to those made in the past in the history of Christianity. In this article I want to invite you to: a) Understand the relationships between Christian faith and culture and examine; b) how the theological vision influences the relationship with culture and, finally, that you are able to discern the processes of cultural change that are underway in Brazilian society and feel challenged to become increasingly involved with the proclamation of the gospel.

Keywords: gospel; culture; ministry; Faith; Christ; church; mission.

FÉ E CULTURA: VISÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA

A cultura faz parte do plano de Deus para os seres humanos. No livro do Gênesis lemos:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e

sobre todos os répteis que rastejam pela terra. [...] Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar (Gênesis 1.26; 2.15).

É preciso observar que as palavras a respeito do domínio sobre a criação, cultivo e a guarda do jardim foram ditas por Deus antes do pecado e da queda. O historiador Justo Gonzalez sustenta que muitos cristãos imaginam que o propósito de Deus era que a criação ficasse intocada e, caso o primeiro casal não tivesse pecado, nada haveria para se fazer no mundo. Entretanto, no ato da criação Deus confere aos seres humanos um mandato cultural: cultivar o jardim. Como fariam isso? Tendo sido feitos à imagem e semelhança do criador, era de se esperar que fossem dotados de criatividade e capacidade para criar coisas novas. Portanto, a criatividade cultural sempre esteve nos propósitos originais do criador.

Os seres humanos foram criados para interagir com o ambiente e ao fazê-lo com amor e fidelidade ao criador, produziram cultura. A entrada do pecado no mundo não anulou este propósito original do criador. Os seres humanos continuam sendo mordomos da criação, entretanto, o pecado introduziu distorções severas no ato de criar cultura como se vê nas consequências após a queda:

E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás (Gênesis 3.17-19).

A visão cristã da cultura é marcada por uma tensão, pois de um lado reconhece o ato humano criativo que produz cultura como uma ordem e um dom dados por Deus e, por outro lado, afirma que o pecado se faz presente em todos os atos humanos, portanto, todas as culturas estão igualmente manchadas pelo pecado. São muitos os sinais do pecado nas culturas humanas, tais como opressão e injustiça. Todavia, um dos principais pecados das diferentes culturas é o etnocentrismo. De modo quase automático, coloca-se a própria etnia como o centro da humanidade. No mundo urbano e global em que vivemos, uma forma comum da prática do etnocentrismo é a divisão da sociedade entre “nós e eles”. Isto pode se dar na classificação entre aqueles que são nossos parentes e aqueles que são “estranhos” (não parentes). A

cultura dos parentes, nessa perspectiva, seria sempre melhor e superior ao dos “estranhos”. Porém, essa mesma lógica discriminatória do “nós e eles” pode ocorrer pelo viés de classe social, assim “nós” que pertencemos a determinada faixa de renda, residimos neste bairro e possuímos determinado estilo de vida somos melhores do que “eles” que possuem gostos “estranhos”, vivem noutra bairro e pertencem a outra faixa de renda.

Embora o evangelho não pertença a uma etnia específica ou a um determinado estilo cultural de vida não é incomum que acabe sendo associado a determinados grupos culturais. É positivo que o evangelho seja inserido na vida cultural de um povo, porém é perigoso quando evangelho e cultura se misturam de tal modo que as linhas demarcatórias entre eles já não são mais discernidas. Um dos exemplos mais trágicos entre a confusão do evangelho com a cultura foi o desenvolvimento do nazismo na Alemanha sob o comando de Adolf Hitler. O nacionalismo alemão convenceu-se de que sua cultura cristã era superior às demais culturas. Outro exemplo, esse mais próximo de nós, é o chamado *american way of life* (estilo de vida americano) centrado no individualismo e no consumismo e que foi exportado para todos os países do globo.

47

Sabe-se hoje que os recursos naturais são insuficientes para que todos os países adotem padrão de consumo semelhante ao desenvolvido nos Estados Unidos. Por outro lado, a valorização da liberdade individual na cultura norte-americana é positiva, mas o individualismo como estilo de vida fomenta o egoísmo e o isolamento social. Sociedades centradas na cultura do individualismo celebram histórias de sucesso individual e ficam cegas para os fracassos coletivos.

O historiador Justo L. Gonzalez interpreta o relato da Torre de Babel, em Gênesis 11, como ação divina para impedir o predomínio da lógica etnocêntrica que é inerente às culturas. O etnocentrismo conduz sempre ao desenvolvimento de uma perspectiva cultural imperialista. Vejamos o que Gonzalez escreve:

Tradicionalmente tem-se entendido esta história (Torre de Babel) no sentido de que Deus castiga a soberba humana, e o resultado desse castigo é a multiplicidade de línguas, de maneira que os diversos povos têm dificuldade de se entender uns aos outros. E não há dúvida que essa é uma face da moeda. Mas há outra face. A confusão de línguas também é uma ação libertadora da parte de Deus. Os seres humanos se tornaram escravos da sua soberba. Em vez de usar seu poder de criar cultura para o bem da terra e da humanidade, querem empregá-lo para alcançar o céu, ou seja, para usurpar o poder de

Deus. [...] Se a confusão das línguas em Babel as impediu de continuar com seus sonhos idolátricos de grandeza, a confusão de culturas dos dias atuais, por mais que nos confunda e que não gostemos dela, serve ao menos para lembrar a toda cultura que ela é parcial e finita; que não é a única que habita o planeta; que o seu modo de ver e fazer as coisas não é o único factível. Em outras palavras, a diversidade de culturas serve de freio ante as tendências imperialistas de toda cultura (GONZALEZ, 2011, p. 82-83)

Como vimos até aqui, a visão cristã da cultura terá de lidar sempre com algumas tensões. A primeira é a tensão entre a bondade criativa presente na cultura e a distorção introduzida pelo pecado. Ao produzir cultura os seres humanos exercitam um dom divino, mas o resultado do mandato cultural será sempre marcado pelo pecado. A segunda tensão se dá entre a diversidade cultural e o impulso imperialista presente em todas as culturas. É fato que nem todos os povos desenvolveram projetos de subjugação de outras culturas. Entretanto, sempre que numa determinada cultura ocorreu a combinação de desenvolvimento econômico e poderio militar, projetos de imperialismo cultural foram justificados como sendo uma missão civilizatória.

48

CRISTO E CULTURA: A CONTRIBUIÇÃO DE RICHARD NIEBUHR

Uma das principais reflexões sobre a relação entre a fé cristã e a cultura foi elaborada por Richard Niebuhr num livro clássico chamado “Cristo e Cultura”, publicado em 1951. Nele, Niebuhr desenvolveu os seguintes modelos para compreender e explicar o modo como os cristãos se relacionam com a cultura em diferentes épocas e lugares. Vejamos quais são estes modelos.

Cristo contra a cultura

Essa perspectiva pode ser chamada de separatista. A ideia predominante é que os cristãos devem se relacionar com a cultura somente na medida em que isso seja absolutamente necessário. Devem se restringir ao cumprimento de suas obrigações profissionais e cívicas, mas não devem se envolver na produção de cultura e tampouco devem alimentar expectativa de transformação da cultura da

sociedade. O exemplo clássico desse tipo de atitude é a comunidade *amish* nos Estados Unidos. Entretanto, diferentes denominações conservam traços desse tipo de perspectiva diante da cultura. A justificativa frequente desse tipo de visão é que o cristão não deve se envolver com o mundo e que este está irremediavelmente perdido. A missão da igreja nesta perspectiva deve se concentrar na salvação individual e no aperfeiçoamento da santificação pessoal.

Cristo da cultura

Essa visão é o oposto da anterior. Se os cristãos separatistas se sentem pouco à vontade com a sociedade e sua cultura, os cristãos defensores do “Cristo da cultura” se sentem extremamente confortáveis na interação com a cultura de seu lugar e tempo. Essa perspectiva pode ser chamada de paradigma da acomodação ou da tradução. Cristãos defensores dessa atitude possuem uma visão muito positiva e otimista da cultura. De modo geral, valorizam o conhecimento produzido pelos diferentes ramos do saber (tais como filosofia, psicologia etc) e estão sempre tentando traduzir conceitos bíblicos e teológicos na linguagem dessas outras áreas. Muitas vezes, não intencionalmente, os cristãos desta corrente acabam por considerar a visão bíblica a respeito dos seres humanos e da vida em geral como ultrapassada, precisando assim ser sempre atualizada e reciclada pela última novidade vinda da cultura secular.

49

Cristo acima da cultura

Esse jeito de ver a cultura pode ser chamado de paradigma do aperfeiçoamento. Essa visão reconhece a bondade da criação e que a vida pode funcionar bem de acordo com leis inerentes à própria natureza. Por exemplo, o amor natural entre homem e mulher gerará uma família funcional e saudável. A necessidade de trabalhar para sobrevivência gerará bons profissionais e sistema social que conduzirá à produção de bens que tornarão a vida humana sobre a terra mais confortável. Qual seria então o lugar reservado para Cristo e a igreja? O mundo pode funcionar bem sem o conhecimento salvador de Jesus Cristo, mas quando tal

conhecimento é acrescentado à determinada cultura, ela passa para um estágio superior. Nesta perspectiva, entre a natureza e a graça haveria uma espécie de suplementação. A cultura humana é autônoma e pode funcionar bem sem a presença de Cristo, mas havendo o conhecimento salvador de Cristo, ela se torna mais rica. Assim, a fé complementa aquilo que há de bom na cultura.



Fonte: <https://stock.adobe.com/br/images/explore-the-emergence-of-a-church-cross-from-the-interconnected-matrix-of-floating-molecule-networks-on-the-internet/680042027>

50

Cristo e cultura em paradoxo

Nessa perspectiva o relacionamento entre o cristão e a cultura da sociedade está sempre em tensão. Esse é o paradigma da contradição. Na teologia clássica luterana isto é chamado de “teologia dos dois reinos”. Deus, nessa perspectiva, governa o mundo pela sua lei e a igreja pelo evangelho. O cristão vive dividido entre dois reinos, o mundo e a igreja. As regras e princípios éticos vividos dentro da igreja não se aplicam à sociedade e vice-versa. É como se o cristão, ao ir para a igreja ou se relacionar com a comunidade cristã, colocasse um chapéu e tivesse que usar outro ao tratar de questões da vida secular, tais como carreira, governo etc. O ponto central nessa visão é que o cristão sabe que a cultura da sociedade é má e desagrada a Deus, mas ele precisa seguir as regras e procedimentos que vigoram nela, pois não seria da vontade de Deus que fosse diferente. Na prática, significa que muitas vezes um cristão fará coisas com as quais não se sente confortável, entretanto, ele verá isso como sua obrigação para com o funcionamento do reino da vida secular. Essa visão

teológica sustenta uma compreensão dualista da relação fé e cultura ao enfatizar que o cristão é cidadão tanto do reino de Deus quanto do reino temporal.

Cristo, o transformador da cultura

Esse tipo de visão combina alguns dos elementos verdadeiros e positivos que estão presentes nas visões anteriores, bem como rejeita as distorções. A ideia não é de separação ou acomodação, mas de transformação gradual da cultura pela aplicação dos princípios da Palavra de Deus.

Apenas a título de ilustração, tomemos como exemplo a aplicação desse paradigma ao mundo do trabalho. Como seria uma empresa dirigida por cristãos imbuídos dessa visão? Será uma empresa cuja liderança e funcionários são influenciados pelo Evangelho e distingue-se das demais pela alta qualidade de serviço que presta aos seus clientes. Nela a competição com os concorrentes não recebe a energia principal e a ênfase maior sempre é dada à qualidade dos serviços e produtos. O clima organizacional é marcado pela ética e pela solidariedade. Ainda que tais atitudes impliquem redução da margem de lucro, elas são perseguidas. Nessa empresa influenciada pela glória de Deus o lucro não é a razão principal de sua existência, é um dos itens importantes ao lado de muitos outros.

51

A ilustração acima pode ser desenvolvida e aplicada a diferentes esferas da vida humana: família, artes, política, meio ambiente etc. A ideia básica é que a vida do cristão deve ser dedicada integralmente à glória de Deus.

CONSIDERAÇÕES SOBRE IGREJA E CULTURA

Os modelos desenvolvidos por R. Niebuhr são importantes porque cada um deles identifica um problema real da igreja na sua relação com a cultura. Na prática do trabalho missionário e pastoral da Igreja, os modelos devem ser vistos mais como tendências do que como atitudes puras e absolutamente delimitadas. Numa denominação ou numa igreja local encontraremos um pouco de cada um dos modelos nas relações entre fé e cultura. Defendo então que os modelos sejam vistos mais como um *continuum* do que quadros isolados e sem comunicação. Os modelos serão

úteis para o diagnóstico dos pressupostos, muitas vezes inconscientes, que orientam nossas ações no estabelecimento da relação entre fé e cultura.

Diferentes usos do conceito de cultura no pensamento cristão na atualidade

Na teologia cristã a reflexão sobre cultura tem feito percurso semelhante ao ocorrido na antropologia. Primeiro a antropologia se debruçou sobre a cultura do outro, daquele que está geograficamente distante, povos, muitas vezes ágrafos, posteriormente os antropólogos passaram a estudar, valendo-se do método etnográfico, a própria cultura na qual estavam inseridos. No caso da teologia cristã o movimento missionário possui o pioneirismo da reflexão sobre as diferenças culturais, entretanto, a história do pensamento teológico testemunha a percepção de que a cada geração mudanças culturais ocorriam em países tradicionalmente identificados com a fé cristã e isto exigiu o exame da relação entre evangelho e cultura.

No caso do liberalismo teológico fica evidente seu esforço de compreensão e tradução do evangelho no contexto da cultura do romantismo e do racionalismo iluminista. A fé cristã estava pressionada, na Europa dos séculos XVIII e XIX, de um lado pela ênfase que o romantismo atribuía aos indivíduos e seus sentimentos e de outro, pelo desenvolvimento da ciência racional baseada em experimentação. Embora teólogos como Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e Rudolf Bultmann (1874-1976) não tenham mergulhado na discussão sobre fé e cultura, o trabalho que realizaram era na sua essência um diálogo profundo entre a fé cristã que haviam herdado e as mudanças pelas quais a cultura europeia havia passado por conta do desenvolvimento da ciência e do pensamento romântico. A título de exemplo recordo a definição dada por Friedrich Schleiermacher (2000, p. 33) daquilo que julgava ser a fé cristã na sua essência:

Ela (a religião) não pretende, como a metafísica, explicar e determinar o Universo de acordo com a sua natureza; ela não pretende aperfeiçoá-lo e consumá-lo, como a moral, a partir da força da liberdade e do arbítrio divino do homem. Sua essência não é pensamento nem ação, senão intuição e sentimento.

A definição apresentada claramente é um diálogo com a cultura científica e com o romantismo. De um lado ele defende o cristianismo argumentando que seu objetivo não é a explicação do universo e suas leis como pretendia a filosofia metafísica. O teólogo alemão, de modo sutil, está afirmando que o conflito da ciência não é com a fé, mas com a filosofia metafísica. De outro lado, ele faz distinção entre moral e fé afirmando que o objetivo final do cristianismo não é o aperfeiçoamento da vida social por meio da ação, isto é, da política. Segundo ele a essência do cristianismo não é pensamento (filosofia/ciência) tampouco ação (moral/política) mas sentimento, intuição, contato com a experiência sagrada.

Esforços teológicos como a obra de Friedrich Schleiermacher ou, por exemplo, do teólogo suíço Karl Barth (1886-1968) são geralmente classificados como iniciativas de apologia da fé cristã. Nesse sentido é válido pensar que toda apologia (defesa) da fé cristã apresentará sempre algum tipo de diálogo com os desafios culturais de seu tempo, ainda mais se recordarmos que algumas heresias nada mais são que produto de adaptações acríticas de crenças bíblicas ao entorno cultural.

53

A digressão histórica apresentada acima foi necessária para evidenciar o diálogo permanente entre teologia e cultura. Todavia, nosso objetivo neste tópico é o exame dos diferentes modos em que a noção de cultura é utilizada na teologia contemporânea. É preciso que fiquemos atentos que cultura é um daqueles termos de grande elasticidade, sendo assim, grupos e pessoas utilizarão a mesma palavra para se referir a coisas diferentes. Nosso propósito não é censurar ou dizer que determinado uso do conceito de cultura é incorreto, tampouco pretendemos normatizar o uso do termo. Entretanto, será útil para o estudante de teologia entender as diferentes apropriações que os grupos que transitam pelas igrejas cristãs fazem do conceito de cultura. Além disso, o uso que cada grupo faz da noção de cultura revela aspectos importantes do conceito de missão que orientará suas ações. Será isso que tentaremos mostrar a seguir.

Cultura e movimento missionário

Um visitante poderá chegar numa igreja evangélica e encontrar algum missionário brasileiro narrando suas atividades entre os berberes da Tunísia ou, quem sabe, um missionário apresentando seus desafios em Nuakchott, capital da Mauritânia. Nesse contexto o ouvinte será apresentado ao uso mais tradicional da noção de cultura. Nossos missionários falarão, por exemplo, como se diz “bom dia” na língua de cada um desses povos, como se faz compra por lá, quais iguarias da culinária dos berberes, como se dá o relacionamento entre jovens, adultos e velhos, quais são as festas principais em cada uma dessas nações. Nos exemplos citados percebe-se que o movimento missionário tratará de assuntos clássicos da antropologia cultural: linguística, economia, alimentação, família (regras de parentesco), folclore e crenças.

O tipo de contato com a noção de cultura na descrição acima é marcado pelo exotismo e curiosidade. Os ouvintes acharão determinados costumes de outros povos engraçados ou estranhos, mas pela distância geográfica e pela natureza dos objetivos da apresentação missionária não haverá maior aprofundamento sobre possíveis significados das diferenças culturais. Igrejas cristãs envolvidas com o patrocínio de missões em outros continentes ou entre povos indígenas que habitam o território nacional brasileiro, além de conferências missionárias, costumam promover festas nas quais há barracas com itens culturais (alimentos, vestes, símbolos etc.) de diferentes povos. Esses são os modos mais comuns pelos quais a cultura, enquanto diferença, é apresentada no contexto das igrejas evangélicas.

A partir da década de 90, com a intensificação da globalização e na esteira da percepção do choque de civilizações, entrou no radar missionário das igrejas evangélicas os povos de cultura islâmica e, por consequência, a temática da perseguição sofrida por cristãos ao redor do mundo. No contexto missionário, outra menção à cultura que tem sido com frequência refere-se ao desafio de evangelização dos países europeus de tradição cristã. Templos cristãos vazios sendo vendidos para se transformar em bibliotecas ou casas de shows são mencionados com frequência nos testemunhos que tem por finalidade o despertar de vocações missionárias.

O ponto positivo da menção da cultura no contexto da mobilização missionária é o despertar da apreciação da diversidade cultural. Entretanto, o risco para o qual deve-se estar atento é a estigmatização ou a idealização da cultura dos povos que estão no radar missionário. Teorias conspiratórias, por exemplo, “o islamismo colocou em curso um plano para dominar a América Latina” devem ser evitadas e, em seu lugar, explicações mais complexas que levem em conta fatores migratórios, econômicos e demográficos devem ser objeto de consideração para o exame das relações entre expansão e/ou retração de qualquer tipo de religião pelo globo.

Cultura e teologias sociopolíticas

A partir da segunda metade do século XX surgiram correntes teológicas agrupadas sob a designação de teologias políticas, aqui serão denominadas como sociopolíticas. São sistemas teológicos e práticas pastorais teológicas (teologia da libertação, teologia negra, teologia feminista, teologia de gênero, teologia ecológica etc) que levam em conta os condicionantes culturais da mensagem registrada no texto bíblico e os condicionantes socioculturais das comunidades a religiosidade é praticada pelos fiéis. Assim, a teologia feminista irá denunciar o viés machista/patriarcal dos relatos bíblicos. A teologia da libertação, o conflito de classes e a “opção preferencial de Deus” pelos pobres. A teologia negra, de J. Cone, também é um tipo de teologia da libertação. Da mesma forma que fizeram o liberalismo teológico e o ecumenismo, estas teologias assumem como sua missão a tarefa de “tradução” da mensagem cristã para termos modernos. Porém, diferentemente do liberalismo e do ecumenismo, que pensaram e atuaram globalmente, essas teologias se definem mais pela agenda de grupos locais e de movimentos sociais específicos.

Destacamos que nas teologias sociopolíticas há um jeito, explicitado ou não, de se lidar com noções de cultura. Entretanto, diferentemente do tratamento convencional dado à cultura no contexto missionário, a diferença cultural levantada pelas teologias sociopolíticas aponta para o “outro” que está perto e não distante, que é opressor ou oprimido. O exercício feito pelas teologias sociopolíticas de denunciar práticas sociais somente são possíveis porque há um trabalho de percepção da dimensão cultural da vida humana. A denúncia do racismo, da violência contra

mulheres, da exploração de trabalhadores, da destruição do meio ambiente só é possível por meio de uma leitura do papel que a cultura possui na legitimação dessas práticas.

A proposta de exame, com outros olhos, da cultura na qual a igreja está instalada e o chamamento para realização de mudanças são elementos que quase sempre trarão para dentro das comunidades conflitos. Essa é uma das dificuldades do desenvolvimento em comunidades cristãs de práticas pastorais fundamentadas em visões de teologias sociopolíticas. As teologias sociopolíticas trazem para o seio das igrejas discussões e, às vezes, até verdadeiras “guerras culturais” que estão em andamento na sociedade e, ao fazê-lo, geram tensões que podem terminar em divisões. Isto não significa que esse tipo de abordagem das questões culturais deva ser abandonado, todavia, requererá da liderança da comunidade bom senso e prudência na condução dos temas e posicionamentos de natureza sociopolítica. Não é exagero dizer que as teologias sociopolíticas retiram sua inspiração do profetismo bíblico e os profetas sempre caminharam longe da aceitação unânime pelos seus contemporâneos como se pode perceber pela descrição que a carta aos Hebreus faz deles: “Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra” (Hebreus 11:37-38).

56

O desenvolvimento de uma abordagem cultural à luz de alguma corrente sociopolítica, além da administração dos riscos associados aos elementos conflitivos que se farão presentes na comunidade, terá de lidar com a concorrência de movimentos sociais não religiosos que militam nas mesmas áreas temáticas e, por só fazerem isso, estarão mais qualificados que a igreja tanto para a mobilização de pessoas e recursos quanto para o desenvolvimento de ações com melhores resultados. Tenho em mente, por exemplo, o movimento ambientalista. Imagine que uma igreja cristã esteja engajada na importante agenda associada à preservação ambiental. Embora a causa seja meritória a igreja fará isto e mais uma porção de outras coisas, enquanto uma organização não governamental (ONG) ambiental se dedicará a um único tema. Numa comparação com a ONG a igreja parecerá muitas vezes ineficiente e/ou hipócrita pois fala muito e faz pouco. O acompanhamento

sociológico das teologias políticas tem constatado ser bastante comum, no longo prazo, que pessoas que começaram a militância sociopolítica no contexto religioso terminem abandonando a igreja e dedicando-se exclusivamente aos movimentos e/ou organizações seculares especializadas na defesa das causas que julgam importantes para obtenção de um mundo melhor e de uma sociedade mais justa (Bruce, 1990). Isso não significa que igrejas não devam associar-se à iniciativas na direção de mudanças culturais justas, mas é preciso que se evite o reducionismo do evangelho às causas sociopolíticas.

Cultura e movimentos de plantação e revitalização de igrejas

Há alguns anos tive oportunidade de visitar Saddleback Church, famosa igreja dos Estados Unidos, plantada pelo pastor Rick Warren. A igreja possui um belo campus, semelhante ao de algumas grandes universidades. O estacionamento é amplo e há *vans* à disposição daqueles que não estejam dispostos ou que não possam fazer o trajeto a pé até o templo. Na verdade, são três templos no campus. O templo principal possui contemporânea com toda a parte musical conduzida por uma banda de altíssima qualidade. Som e mídias são executadas com padrões de rigoroso profissionalismo. Há um segundo templo que conta com uma liturgia clássica e possui um coral. A liturgia é desenvolvida até que na hora da pregação – Rick Warren que estava ao vivo no templo principal – aparece na tela daquele templo para quem prefere aquele tipo do culto. O terceiro templo, chamado de *Refinery*, abriga os jovens e a música que precede a entrada do pregador no telão é um rock pesado. A praça que une os três espaços é muito semelhante às áreas dos shoppings que proliferam das cidades médias e grandes das sociedades capitalistas.

O relato acima não tem a intenção de menosprezar o ministério realizado pelo pastor Rick Warren e muito menos negar que milhares de pessoas tiveram e tem tido a oportunidade de entrar em contato com o Evangelho por meio de tal iniciativa e de muitas outras que seguem na mesma direção. A partir da década de 70 do século passado cristãos norte-americanos começaram a perceber que as igrejas haviam ficado datadas e já não mais conseguiam conectar-se com as pessoas no mundo urbano. Tornar-se um cristão significava ser muito diferente, nem tanto no sentido

espiritual, mas no sentido de ser “estranho” do ponto de vista da cultura urbana predominante. Ministérios como Willow Creek e Saddleback foram pioneiros no uso de técnicas sofisticadas de marketing e desenvolvimento de produtos a partir da experiência do mundo dos negócios. A ideia é que a linguagem utilizada nas pregações e na comunicação em geral, o desenho do espaço, as vestimentas e atitudes dos líderes religiosos revelem uma proximidade com o público urbano que buscam eles alcançar para a igreja. O público acostumado com serviços prestados com boa qualidade encontrará na igreja algo semelhante ao que já experimenta em outras situações sociais. A crítica feita por T. Keller (2014) a essa forma de contextualização cultural da igreja aponta para a rendição ao modo americanismo com sua forte carga de individualismo e de adesão ao livre mercado.

Sob o ponto de vista sócio antropológico esse jeito de lidar com a cultura se aproxima mais das noções de indústria cultural, cultura de massa e subcultura. Instrumentos de pesquisa para identificação do público alvo, linguagem, planejamento das experiências e eficiência na gestão são recursos emprestados do mundo dos negócios. Com o propósito de comparação pode-se pensar que as igrejas tradicionais lidariam com maior desenvoltura com a cultura nas modalidades popular e erudita, enquanto os movimentos de plantação e revitalização de igrejas se valeriam de um tipo de cultura corporativa moldada a partir das experiências da indústria cultural e das subculturas urbanas de classe média.

58

À GUIA DE CONCLUSÃO: PISTAS PASTORAIS PARA UM MINISTÉRIO QUE VALORIZA A CULTURA

Ao nos aproximar do encerramento deste artigo, quero tratar de algumas pistas para o ministério pastoral em relação à cultura. Ao todo, são cinco pistas.

Valorize o diálogo com os centros culturais

A cultura que predomina nas cidades modernas é feita nas universidades, empresas, conglomerados de comunicação, associações culturais, sindicatos, teatros e cinemas. O percurso de difusão de novas práticas culturais nem sempre é linear,

mas de modo geral se passa de um público mais restrito e especializado para o grande público. Por exemplo: reportagens, filmes ou livros são produzidos sobre determinado tema. Pessoas sensibilizadas pela temática se unem numa associação pela defesa de determinada causa ou simplesmente difusão daquela ideia. A opinião pública começa a ser influenciada na direção daquela ideia propagada e pessoas podem considerar mudar seu comportamento ou simplesmente aceitar o novo comportamento ligado à ideia difundida. Surgem pessoas e partidos que abraçam a promoção das ideias e causas e novas leis são propostas e aprovadas. Então, uma nova cultura começa a se consolidar na cidade.

Intencionalmente a igreja deve valorizar o apoio às pessoas envolvidas nesses processos de transformação cultural e deve incentivá-los, por meio da construção de uma fé madura, a incluírem os valores do reino em suas atividades profissionais.

Assuma o compromisso de influenciar sem controlar

59

Muitas vezes projetos de transformação da cultura resvalam em ufanismo e/ou ingenuidade. Vimos que o processo de transformação cultural é longo e complexo. A fé deve nos dar serenidade para que confiemos que os rumos da história estão nas mãos soberanas do Deus eterno. Assim, a igreja cristã deve se sentir mais à vontade em ser uma das muitas vozes da diversidade cultural presente nas cidades. A tentação da conquista do poder político para impor leis de cunho cristão não tem se mostrado eficaz, ao contrário, produz rejeição ainda maior dos valores cristãos. Cristãos devem buscar influenciar a cultura onde quer que estejam – às margens ou nos centros de poder. Porém, nunca devem se valer de meios que estejam em contradição com o evangelho de amor e santidade revelado em Jesus Cristo.

Direcione práticas ministeriais para culturas específicas

Uma das belezas do corpo de Cristo é a diversidade ministerial. Uma igreja local não é chamada para realizar todos os ministérios, mas é chamada para realizar com fidelidade o seu ministério. Timothy Keller (2014, p. 208) nos ajuda no estabelecimento de prioridades ministeriais:

Nenhuma igreja consegue ser tudo para todos. Não existe maneira cultural neutra de realizar o ministério. A igreja urbana terá de escolher práticas que reflitam os valores de algum grupo cultural e, com isso, se comunicará de maneira diferente aos olhos e ouvidos de outros grupos culturais. Assim que a igreja escolha a língua na qual pregar ou a música que cantará, estará facilitando a participação de uns e dificultando a de outros. [...] Os ministérios urbanos vivem com a sensação constante de não estarem atingindo tantos tipos de pessoas quanto deveriam. Mas com toda disposição e alegria aceitam o desafio de construir diversidade racial e cultural em suas igrejas e veem essas críticas inevitáveis simplesmente como o custo necessário ao ministério urbano.

Seja respeitoso e autêntico

O modelo “Cristo contra a cultura” enfatizará a autenticidade, mas muitas vezes se revelará insensível com a cultura. Já o modelo “Cristo da cultura” se mostrará respeitoso, mas será incapaz de confrontar valores e práticas culturais que se opõem ao evangelho. O modelo “Cristo transformador da cultura” combina a humildade com a autenticidade ao lembrar-nos que Jesus revelou-se para as culturas “cheio de graça e verdade” (João 1.14). A verdade revela tanto a bondade de cada cultura quanto as suas distorções pecaminosas. A graça oferece a redenção e transformação para as culturas.

60

Seja cristológico

Culturas são transformadas pelo evangelho de Jesus Cristo. É preciso ouvir os anseios profundos de cada cultura, de cada época e mostrar-lhes como a encarnação, ministério, morte e ressurreição de Jesus responde às questões levantadas. Culturas altamente secularizadas também possuem anseios que são transcendentais, ou para utilizar uma expressão de C.S. Lewis, “desejos que não são deste mundo”. Essa dimensão transcendental das culturas foi enfatizada por Justo Gonzalez (2011, p. 47), como segue:

[...] o desafio mais profundo de toda vida humana é o tremendo mistério do sentido da vida e da realidade toda. O culto é o modo pelo qual as culturas respondem ao desafio e à promessa deste *mysterium tremendum* [mistério que faz tremer]. E assim a cultura, enquanto nos lembra que nossas raízes estão sempre na terra, que somos feitos de

pó, que sem a terra não comemos nem vivemos, lembra-nos também que, por melhores que sejam os tijolos que fazemos, o céu se encontra muito acima do alcance de nossas torres mais altas. Do mesmo modo que a cultura é impossível sem o cultivo – ou sem seus equivalentes na caça, pesca ou coleta -, assim também a cultura é impossível sem o culto. Se a cultura se relaciona com o cultivo porque este é o modo como um grupo social enfrenta os desafios e oportunidades de seu ambiente, relaciona-se também com o culto porque este é a maneira como esse mesmo grupo social interpreta e dá sentido à vida e ao mundo.

No centro do culto cristão está uma pessoa: Jesus de Nazaré. A contextualização da mensagem cristã será sempre um esforço para mostrar por palavras e atos que “Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste” (Colossenses 1.16b-17).

REFERÊNCIAS

61

BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, L. *América latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992.

BRUCE, S. A. *House divided: protestantism, schism and secularization*. Routledge: London and New York, 1990.

CAVALCANTI, H. B. *O projeto missionário protestante no Brasil do século 19: comparando a experiência batista e presbiteriana*. Disponível em: www.pucsp.br/rever/_2001/p_cavalc.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FERREIRA, V. A. *Protestantismo e modernidade no Brasil: da utopia à nostalgia*. São Paulo: Reflexão, 2010.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. 20. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

GEISLER, N. *Missões transculturais*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

GONZALEZ, J. L. *Cultura e evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2011.

KELLER, T. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KLUCKHOHN, C. *Antropologia – um espelho para o homem*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.

KLUCKHOHN, C. *Jesus e os últimos liberais: um estudo sobre John Mackay, Harry E. Fosdick e Miguel Rizzo*. Disponível em: <http://www.antonio-mendonça.pro.br/>. Acesso em: 27 maio 2023.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed. Kindle Edition

LINTON, R. *O homem: uma introdução à antropologia*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

MENDONÇA, A.G. *O Celeste Porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

NEWBIGIN, L. *O evangelho numa sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016.

62

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*. São Paulo: Novo Século, 2000.

STARK, R.; GLOCK, C.Y. Dimensiones de la adhesión religiosa *In*: ROBERTSON, R. *Sociología de la religión*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1980.